



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KELLY SILVA DE OLIVEIRA

**POR UM NOVO OLHAR: AS CONTRIBUIÇÕES DO TEATRO NA FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS E JOVENS NA COMUNIDADE DE SÃO BENTO DAS LAJES
(SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

KELLY SILVA DE OLIVEIRA

**POR UM NOVO OLHAR: AS CONTRIBUIÇÕES DO TEATRO NA FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS E JOVENS NA COMUNIDADE DE SÃO BENTO DAS LAJES
(SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lia Dias Laranjeira.

Coorientadora: Profa. Dra. Lucilene Rezende Alcanfor.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

O47p

Oliveira, Kelly Silva de.

Por um novo olhar : as contribuições do teatro na formação de crianças e jovens na comunidade de São Bento das Lajes (São Francisco do Conde-BA) / Kelly Silva de Oliveira. - 2021.

52 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

1. Crianças - Formação - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA). 2. Teatro infantojuvenil - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.1332

KELLY SILVA DE OLIVEIRA

**POR UM NOVO OLHAR: AS CONTRIBUIÇÕES DO TEATRO NA FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS E JOVENS NA COMUNIDADE DE SÃO BENTO DAS LAJES
(SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Data de aprovação: 25/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor (Co-orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cássia Santos Barbosa (Professora avaliadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Prof. Rubens dos Santos Celestino (Professor avaliador)

Prefeitura Municipal de Salvador - PMS

Dedico este trabalho à minha comunidade, São Bento das Lajes, a qual tenho muito orgulho de pertencer. Aos/às professores/as e amigos/as da UNILAB pelas trocas de conhecimentos. À minha mãe, amiga, companheira, que me deu todo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Principalmente agradeço a Deus, pai, o centro da minha vida e toda guarda celestial, por toda proteção. Aos meus ancestrais que prepararam o caminho que trilho hoje.

Aos meus pais, Crispiniana dos Santos Silva e Manuel de Oliveira (*in memoriam*) por todo amor e cuidado. Gratidão ao meu esposo, Marcos Silva de Jesus, por todo apoio e companheirismo nessa minha trajetória.

A todos que colaboraram com a minha pesquisa, Natalyne Santos, Glilson do Carmo, meu tio Geraldo Andrade e minha prima Cindy Oliveira.

Aos meus amigos e familiares por todo o incentivo. Por fim, agradeço às minhas orientadoras pela atenção e dedicação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre as contribuições do teatro na formação de crianças e jovens da comunidade de São Bento das Lajes, localizada no município de São Francisco do Conde-BA. Esse estudo é produzido a partir das experiências da pesquisadora com o teatro em São Bento das Lajes ainda na infância e que hoje percebe o quanto essas vivências foram importantes para sua formação. Como pedagoga, volta-se para sua comunidade e sua experiência com o teatro em busca de um novo olhar sobre as contribuições das manifestações e grupos artísticos e culturais locais no âmbito da educação. A pesquisa recupera, por meio da memória de Natalyne Santos e Glilson de Jesus do Carmo, as experiências com os grupos de teatro São Ben'Arte, São Ben'Artinho e Caixa de Foco na comunidade de São Bento das Lajes. Com base na experiência de Natalyne Santos como arte educadora, o trabalho propõe um diálogo entre o teatro, a comunidade e a arte educação.

Palavras-chaves: Crianças - Formação - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA).
Teatro infantojuvenil - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA).

ABSTRACT

The present work aims to discuss the contributions of theater in the training of children and young people in the community of São Bento das Lajes, located in the municipality of São Francisco do Conde-BA. This study is produced from the researcher's experiences with theater in São Bento das Lajes in her childhood and who today realizes how important these experiences were for her formation. As a pedagogue, she turns to her community and her experience with theater in search of a new look at the contributions of local artistic and cultural manifestations and groups in the field of education. The research recovers, through the memory of Natalyne Santos and Glilson de Jesus do Carmo, the experiences with the theater groups São Ben'Arte, São Ben'Artinho and Caixa de Foco in the community of São Bento das Lajes. Based on Natalyne Santos' experience as an art educator, the work proposes a dialogue between theater, the community and art education.

Keywords: Children's Theater - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA). Children - Training - São Bento das Lajes (São Francisco do Conde, BA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Bloco de caretas: São Bento em Ação e Coração Valente, carnaval de 2019. São Francisco do Conde-Ba.....	20
Figura 2. Mandu.....	21
Figura 3. Capa Bodes, carnaval de 2019, São Francisco do Conde-Ba.....	22
Figura 4. Apresentação do reisado. Gleice Hellen e Kelly Oliveira. São Francisco do Conde, 2020.....	23
Figura 5. Sede União Nacional dos Estudantes/UNE, Rio de Janeiro (RJ), 1944: aula de alfabetização e cultura geral para adultos, organizada pelo Teatro Experimental do Negro/TEN e ministrada pelo professor Ironides Rodrigues.....	29
Figura 6. Jogo expressão corporal. São Francisco do conde, 2017.....	30
Figura 7. Encruzilhada das Ruas do Drena I,II e Rua da Jaqueira, São Francisco do Conde-BA, 2021.....	40
Figura 8. Crianças da catequese na Igreja católica de São Bento, São Francisco do Conde, 2016.....	42
Figura 9. Apresentação Dr. da Alegria/Caroline Lopez e Kelly Oliveira. São Francisco do Conde-Ba, 2015.....	42
Figura 10. Campanha da fraternidade e juventude: eis-me aqui, envia-me! São Francisco do Conde-Ba, 2013.....	43
Figura 11. Estágio de Educação Infantil/ trabalhando a oralidade UNILAB, São Francisco do Conde-Ba, 2019.....	45
Figura 12. Estágio de Educação Infantil/ trabalhando a oralidade. Escola Bartolomeu dos Santos Matos, São Francisco do Conde-Ba, 2019. Fonte. Arquivo pessoal.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 11
CAPÍTULO I SÃO BENTO DAS LAJES: TERRITÓRIO NEGRO, FONTE DE SABER.....	p. 15
1.1 Entre Festas e Tradições.....	p. 18
1.2 Na minha comunidade tem Teatro.....	p.24
CAPÍTULO II DIÁLOGOS ENTRE TEATRO, COMUNIDADE E ARTE EDUCAÇÃO.....	p. 27
2.1 Experiências com arte educação e um teatro emancipatório.....	p. 27
2.2 A trajetória de Natalyne nas Artes Cênicas.....	p. 30
2.3 Experiência com teatro durante a universidade.....	p. 34
2.4 A Escola As Três Marias como palco para o teatro da comunidade.....	p. 37
2.5 Participação da família no processo educativo.....	p. 38
2.6 O Drena como cenário e a comunidade sua plateia.....	p. 40
2.7 A presença do teatro na minha formação.....	p.41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 48
REFERÊNCIAS.....	p. 51

Introdução

A arte faz parte das nossas vidas, estão presentes em diversas manifestações da cultura popular e em São Bento das Lajes convivemos com expressões artísticas de linguagens diversas, como a música, a dança, a culinária, a performance e o teatro. A arte pode provocar emoções, reflexões, críticas, dissensos etc e sua complexidade e amplitude tem a possibilidade também de provocar um grande impacto nas formações de crianças e jovens.

A partir das minhas experiências com as manifestações artísticas e culturais de São Bento das Lajes, percebi o quanto elas expressam a história e a identidade do nosso território e do seu povo. O que seríamos de nós se não fossem essas expressões culturais e artísticas? Como nos encontrar, pertencer, identificar e nos conectar com o nosso lugar de origem? A música, a dança, as artes visuais e o teatro são linguagens que nos possibilitam conhecer uma determinada cultura e expressar a nossa própria cultura. Decodificamos os sentidos transmitidos por meio das artes, cada um a sua maneira: os que com uma canção choram, os que apreciam uma fotografia ou uma tela e sintam-se curiosos em compreendê-la, há os que vibram ao ver uma performance artística, desejando poder dançar, se expressar também, e tem os que assistem a uma peça de teatro e consigam sentir todas essas sensações e muitas outras também pelo fato do teatro conseguir abarcar várias linguagens. Descrevi um pouco da arte do ponto de vista dos significantes. E aqueles que a vivenciam, produzindo arte? Como se sentem? Quais impactos ocorreram em suas vidas? Quais caminhos trilharam?

O presente trabalho surge da minha experiência, ainda na infância, com o teatro na comunidade de São Bento das Lages, São Francisco do Conde-BA, a partir dos 9 anos de idade. No ano de 2017, tive a oportunidade de dar oficinas de teatro pelo programa *Novo Mais Educação*, criado pelo Ministério da Educação¹ brasileiro, na escola As Três Marias, localizada no bairro de São Bento. Este programa tinha como objetivo melhorar a aprendizagem por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes. Além disso, a oportunidade de cursar Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) possibilitou-me retomar essa experiência com o teatro a partir desse estudo. O contato com mestres da cultura popular, doutores, colegas do continente africano e colegas brasileiros/as por

¹ O programa Novo Mais Educação, instituído pela Portaria nº 1.144, de 10 de outubro de 2016, visa a ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, mediante a complementação da carga horária de cinco ou quinze horas semanais no turno e contraturno escolar, a ser implementado por meio da realização de acompanhamento pedagógico em língua portuguesa e matemática e do desenvolvimento de atividades no campo das artes, cultura, esporte e lazer. Essas informações estão disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2016-pdf/53061-novo-mais-educacao-documento-orientador-pdf/file>. Acesso em 17 de junho de 2021.

meio das trocas, leituras e aulas de campos contribuíram para que eu tivesse um olhar diferenciado para a educação, levando sempre em consideração o sujeito e todo seu contexto no qual está inserido.

Essa pesquisa também é motivada pelas lacunas existentes no meu processo escolar, na educação básica, relacionadas ao conhecimento da história do meu bairro e do seu povo e à valorização da cultura e das artes locais. No intuito de suprir essa lacuna, proponho um olhar sobre a educação não formal a partir das experiências com o teatro visando contribuir também com o fazer pedagógico no âmbito da educação formal.

Segundo Gohn (2006), o ensino formal é aquele desenvolvido nas escolas, com conteúdos previamente demarcados, já a educação informal é aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização na família, comunidade, clube, amigos etc. Carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados, ou seja, uma educação que se aprende “no mundo da vida”, por meio dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Com foco no teatro da comunidade de São Bento, proponho contextualizar os leitores/as, apresentando a história desse lugar, assim como as suas expressões artísticas e culturais. De acordo com Barroso (2010), o teatro nem sempre esteve em um lugar fixo, fechado e especializado, ele surgia onde e quando os homens precisavam comunicar-se. Assim é como ele nasce no meu bairro, no intuito de suprir as necessidades daqueles que almejavam produzir e divulgar a arte para a comunidade, por meio de processos criativos, contribuindo com a vida dos moradores e principalmente dos jovens. Portanto, ao pesquisar as experiências artísticas na comunidade de São Bento e rememorar a minha trajetória no campo das artes, seria impossível não falar de Natalyne Pereira dos Santos, que foi uma das mediadoras durante a minha participação nos grupos de teatro São Ben’Artinho e Caixa de Foco entre 2006 e 2014. Além disso, a própria pesquisa de Natalyne também inspira este trabalho: ela apresenta histórias e fazeres de São Bento por meio de dramaturgias, dando voz à comunidade nos palcos.

A metodologia empregada neste trabalho segue uma abordagem qualitativa, com base na história oral e na memória de sujeitos que viveram essas experiências na comunidade de São Bento. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa consiste em ocupar um reconhecido lugar, com várias possibilidades, estudando fenômenos que envolvam os seres humanos e suas emaranhadas relações sociais, estabelecidas em diversos âmbitos. As memórias aqui narradas, como fontes de pesquisa, foram interpretadas a partir dos lugares, das pessoas e

dos processos de aprendizagem, mergulhando na história contada por quem já ouviu ou já viveu (POLLAK, 2012).

Tendo como ponto de partida e referência fundamental a minha trajetória de vida com o teatro, essa pesquisa se inspira na noção de *escrevivência*, criada pela escritora Conceição Evaristo. O termo representa a sua própria escrita e as escritas das mulheres negras na literatura e foi construído a partir da junção das palavras “escrever” e “viver”. Suas narrativas são concebidas a partir do corpo, um corpo presente que trás à tona as memórias do passado, transcritas para o futuro em forma de reescrita (LEITE, 2019).

A arte e a memória estão profundamente ligadas, principalmente em comunidades cujo processo da diáspora é latente (ANTONACCI, 2017). Assim, utilizando o método da história oral, realizei entrevistas nas quais foram acionadas e narradas memórias individuais e coletivas (POLLAK, 1992). Parte dessas memórias narradas no presente trabalho foram produzidas a partir das entrevistas realizadas com Glilson de Jesus do Carmo, morador de São Bento e co-fundador do grupo de teatro São Ben’Arte e do Caixa de Foco, e com Natalyne Pereira dos Santos, ex-moradora do bairro de São Bento e co-fundadora do Caixa de Foco. Sobre tudo na entrevista com Natalyne, rememorando a sua história de vida, foram evocadas memórias individuais e coletivas, tendo como ponto de partida sua vivência no Bairro de São Bento, portanto um lugar comum em relação às minhas memórias e às de Glilson. Segundo Silva *et al.* (2013),

A memória coletiva nos remete a um construto social calcado nas vivências de um grupo que constituem as lembranças individuais. O indivíduo sempre interage coletivamente, pois suas lembranças serão inevitavelmente remetentes a grupos e instituições com as quais se relaciona e constrói suas lembranças. Portanto, lembrar significa revolver memórias de diversos grupos mesmo que não haja efetivamente a presença do coletivo. (SILVA et al., 2013, p. 89)

A presente monografia foi dividida em dois capítulos: o primeiro apresenta o bairro de São Bento, sua história e algumas de suas manifestações culturais e artísticas, refletindo esse lugar como território negro, e evidenciando parte da tradição cultural da comunidade, assim como o teatro presente no bairro. No segundo capítulo abordarei sobre as experiências do teatro na comunidade de São Bento que contribui não apenas para a educação não formal, mas apresenta possibilidades de contribuição no âmbito do ensino formal. Essa parte do trabalho foi elaborada, sobretudo, a partir da trajetória de Natalyne dos Santos como arte-educadora. Também

rememoro a minha experiência com as artes, trazendo reflexões sobre a importância do teatro na minha formação.

CAPITULO I São Bento das Lajes: território negro fonte de saber

O lócus do presente estudo é o bairro de São Bento das Lajes, pertencente ao município de São Francisco do Conde, localizado na Região Metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia. A população do município é estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até o ano de 2020, em 40.245 habitantes e está entre os municípios brasileiros com maior percentual de negros declarantes, cerca de 90% da população.

Segundo Santana (2011, p. 22), o município de São Francisco do Conde é dividido por três distritos. O primeiro, denominado como Sede, engloba as comunidades de São Bento das Lajes, Centro, Porto de Brotas, Santa Elisa, Macaco/Marape, Ilha da Cajaíba, Campinas e a comunidade quilombola de Dom João. Já o distrito de Monte Recôncavo engloba Almas, Madrugá, Monte Recôncavo, Vencimento, São José/Engenho do Meio, Paramirim e Coroadó. O terceiro distrito, Mataripe, engloba as comunidades de Mataripe, Muribeca, Socorro, Jabequara da Areia, Jabequara das Flores, Ilha do Paty, Ilha de Bimbarra, Ilha das Fontes, Porto do Coqueiro, Santo Estêvão, Caípe, Ponta do Ferrolho, Engenho de Baixo. Em todas essas localidades as manifestações culturais e populares são ativas, umas menos, outras mais, e ocorrem desde os diferentes festejos que ocorrem sobretudo no Carnaval e no São João, passando pela tradição da mariscagem, da pesca artesanal e da culinária.

A cidade poderia ser considerada um quilombo, já que quase a totalidade da sua população descende de africanos e crioulos levados ao território do atual município como mão de obra escrava dos engenhos de açúcar. Como afirma De Lucca e Palermo (2021), São Francisco do Conde,

(...) cuja formação urbana remonta aos primórdios da colonização portuguesa no continente americano, sempre teve uma relação muito intensa com a capital, com as cidades vizinhas e os núcleos agrícolas do meio rural. Historicamente marcada pela exploração da mão de obra escravizada, pelo latifúndio e pela monocultura da cana de açúcar, a região foi um importante palco de lutas por liberdade e emancipação na primeira metade do século XIX, tendo protagonismo nas guerras de independência do Brasil contra Portugal, e posteriormente transformando-se no epicentro das rebeliões escravas contra o cativo imposto pelos senhores de engenho. (DE LUCCA; PALERMO, 2021, p. 123)

São Francisco do conde possui territórios quilombolas, como a comunidade de Dom João e Monte Recôncavo. São territórios de resistência, que preservam as diferentes tradições mencionadas acima, incluindo a tradição religiosa de matriz africana, representada pelos terreiros de candomblé. O bairro de São Bento representa, juntamente com os quilombos de

Monte Recôncavo e de Dom João, mais um território étnico com o sentido de comunidade quilombola, não apenas pela origem dos seus habitantes, mas pelas peculiaridades desse território, como a riqueza artística e cultural do bairro, a comunhão dos seus moradores na realização das manifestações culturais e à identidade dos seus moradores relacionada a esse lugar.

A pesquisa utiliza a noção de território negro, inspirada na definição de Rafael Sanzio (2006) para território étnico. Segundo esse autor,

O território é, na sua essência, um fato físico, político, social, categorizável, possível de dimensionamento, onde geralmente o Estado está presente e onde estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, onde geralmente a sua população tem um traço de origem comum. (SANZIO, 2006, p. 339)

Em 1655 os beneditinos tomaram posse da Fazendas das Lajes doadas por Catharina Álvares (IPAC, 1982). O bairro de São Bento das Lajes recebeu esse nome devido ao nome da fazenda, propriedade dos monges beneditinos, portanto da Ordem de São Bento, desde meados do século XVII. Nesta propriedade funcionava uma capela e o Engenho de Lajes, no qual trabalhavam e viviam diversos homens, mulheres e crianças de origem africana escravizados/as. Na fazenda de Lajes, comandada pelos monges beneditinos, foi construída a Abadia Nossa Senhora de Brotas, localizada às margens do Rio Sergimirim e hoje em ruínas. “Da torre, que ainda se podia subir em 1970, avistava-se a cidade de Santo Amaro e as ruínas da Capela de São Braz, do outro lado do rio” (IPAC, 1982). O bairro é considerado o mais populoso da cidade, tendo 100% de sua população negra.

São Bento, como é mais conhecido, é urbano e rural ao mesmo tempo. Na parte urbanizada, há pequenos comércios, quadra esportiva, praças, um posto de saúde e duas escolas: a Escola Bartolomeu dos Santos Matos, de educação infantil, e a Escola As Três Marias que reúne três escolas de ensino fundamental: Anos iniciais Escola Maria das Dores Alves, Escola Vera Maria Ferreira de Santana e Escola Maria Amélia Santos. O bairro também abriga a igreja de São Bento, oito igrejas evangélicas e dez terreiros de candomblé. Menciono aqui três deles, considerados os mais antigos da comunidade: o terreiro Ilê Odé Axé Obá Omim, comandado pelo Babalorixá Everaldo Cardoso Bispo, mais conhecido como seu Vadinho; o terreiro Unzó Bamburucema dya Nzambi, liderado por Tateto Antônio Francisco dos Santos, mais conhecido

como Mestre Toinho, pela sua atuação como Mestre de Capoeira; e o terreiro Xangô Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê Dia Nzambe, comandado por Taníria do Nascimento, filha de Dona Carlita, liderança antiga do terreiro.

Já na área rural do bairro, segundo seu Geraldo Oliveira, lavrador e morador da comunidade há mais de 40 anos, há duas fazendas, sítios, chácaras e roças, como a fazenda de César e a fazenda de Abel, que criam gado, o sítio Cuscuz, do senhor Equinho, a chácara de Aluízio e a chácara de Peixinho. Esses sítios e chácaras tem plantios de milho, aipim, batata, quiabo e banana, além de algumas roças como a roça de Bó, que tem mangueiras, jaqueiras, coqueiros, entre outras árvores frutíferas.

O bairro antes de ser um território eminentemente negro, foi um território indígena, habitado por povos indígenas, como os tupinambá. Segundo o livro *São Bento conversando com sua História* PINTO (2018), os monges beneditinos encontraram povos indígenas que serviram de mão de obra nos canaviais e engenhos de cana de açúcar, como no Engenho Sergipe do Conde e no Engenho de Lajes.

No segundo império, com a crise da produção de cana de açúcar, fez-se necessário investir na construção de uma escola agrícola, como aponta Santana (2017):

Durante o Império, a agricultura do nordeste brasileiro ainda estava baseada quase que exclusivamente na cultura da cana de açúcar. No século XIX esta lavoura atravessou uma crise generalizada de produção, de crédito, de mão de obra e atraso tecnológico, que foi agravada pela queda no preço do açúcar. O Imperial Instituto Baiano de Agricultura foi criado com finalidade de contribuir na reversão deste quadro econômico, através de formação de mão de obra qualificada dos operários e engenheiros agrônomos. (SANTANA, 2017, p. 12)

Em 1859, após negociações do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura (IIBA) com a Ordem de São Bento (OSB), o Engenho de São Bento das Lajes foi arrendado para a construção do edifício da Imperial Escola Agrícola da Bahia (IEAB). A obra foi dirigida pelo médico naturalista francês Louis Jacques Brunet e erguida pela mão de obra de homens de origem africana escravizados e de alguns homens livres. A Escola contava com laboratório de química e física, um museu voltado aos estudos de anatomia comparada e veterinária e uma biblioteca que contava com mais de oito mil volumes (ARAÚJO, 2006; FREITAS, 2020).

Segundo Araújo (2006), a escola era frequentada por estudantes do Recôncavo Baiano e de outras partes do Brasil. O autor afirma que 69,1% dos estudantes da IEAB eram de famílias do

recôncavo; 19,1% eram provenientes de outras localidades da Bahia, como Feira de Santana e Xique-Xique; e 11,7% eram naturais de outras províncias, sobretudo de Sergipe e Rio de Janeiro. Em 1905, “com a extinção do Imperial Instituto, o imóvel passa para o Estado, subordinado ao Instituto Agrícola da Bahia”. Anos mais tarde, em 1911, a Escola foi transferida para o Governo Federal (IPAC, 1982, p. 198). Hoje o edifício imponente encontra-se em ruínas e compõe a paisagem da região do cais de São Bento.

1.1 Entre Festas e Tradições

É no cais de São Bento que acontece anualmente, no dia 1º de janeiro, a tradicional “festa do cais” em celebração à yemanjá, divindade das águas salgadas, nas tradições religiosas de matriz africana, bastante presentes na comunidade. A festa é composta por um cortejo de muitas e muitos ialorixás e babalorixás, bem como filhos/as de santo e outras pessoas da comunidade que seguem pelas ruas do bairro e vão até o cais levar presentes para yemanjá. Também fazem parte da festa as baianas que pertencem aos terreiros de candomblé da comunidade, além de rodas de capoeira e de samba de roda.

Abordarei a seguir sobre outras manifestações culturais do bairro, tendo como fonte o resultado de um projeto que foi realizado na comunidade, intitulado *Trilhando na Cultura*. Por meio do edital *Cultura Mais*, lançado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Francisco do Conde em 2018, o projeto contemplado ofereceu oficinas para crianças e adolescentes, como: poesia, cordel, contos e história em quadrinhos. O projeto era voltado para a comunidade de São Bento, tendo como idealizadoras Naiane Jesus Pinto e Marcia Costa Vieira, ambas moradoras do bairro e ex-estudantes da Unilab. O projeto envolvia um turismo náutico realizado por um Barcoteca, onde eram contadas histórias do bairro, histórias dos livros presentes naquele acervo itinerante, e que transportava os/as participantes às ruínas da igreja de Nossa Senhora de Brotas e às ruínas da Escola Agrícola, localizada perto do cais. O barco, além de meio de condução dos participantes do projeto, permitiu uma navegação pelas histórias do bairro e dos livros que ele carregava. O objetivo do projeto foi promover a arte e cultura, incentivando os/as participantes à leitura e à literatura, afim de tornar público a potencialidade que a comunidade tem em história, artes e cultura.

Um dos resultados do projeto foi a produção de um livro intitulado *Trilhando na cultura: São Bento conversando com sua historia* no qual são apresentados grupos e manifestações culturais do bairro, por meio de poesia, cordéis, paródias e desenhos. Alguns dos grupos culturais de São Bento são os grupos de capoeira Filhos do Vento do Mestre Toinho e o Quilombo do Mestre

Zé Dário. Esses grupos são compostos por crianças e adolescentes, que se utilizam também dos espaços das escolas As Três Marias e Bartolomeu dos Santos Matos para realização dos treinos. Uma participante do projeto, Rayane Kelly, na época com 13 anos, descreve os sentidos da capoeira, segundo sua percepção, em forma de poesia, publicada no livro (PINTO, 2018):

Capoeira
Praticar capoeira é bom
Praticar capoeira é divertido
Por que nós aprendemos
Ao mesmo tempo sorrindo
Uns começam tocando instrumento
Outros já fazem o movimento
Antes os negros usavam a capoeira para se defender
E naquele tempo era duro de morrer
Capoeira significa muito
Amor, liberdade, conquista
E por muito tempo para os negros
Foi luta pela vida

Outro grupo cultural da comunidade é o Bumba Meu Boi do senhor Feliciano, mais conhecido como mestre Bicudo ou seu Titio. O projeto proporcionou um momento de conversa com mestre Bicudo, na qual o mesmo contou a história do surgimento do seu Boi.

A história do Bumba-meu-boi surgiu na fazenda de Feliciano dos Santos, que depois se tornou o presidente do Bumba em São Francisco do Conde. Certo dia, Feliciano teve que fazer uma viagem de trabalho e deixou sua fazenda e seu Boi Alazão a cargo de seu afilhado de confiança. Justamente quando o fazendeiro viajava, sua mulher, grávida, teve um desejo: comer fígado do boi de estimação. João, o afilhado, resistiu o quanto pôde, só que a mulher adoeceu e ele teve que sacrificar o boi. A esposa ficou boa e teve a criança, mas quando Feliciano chegou, logo se deu conta do sumiço de seu boi Alazão e foi até a casa de seu afilhado para saber o que tinha acontecido. Prontamente, João respondeu: - o nosso Boi Alazão bebeu água de mandioca e depois caiu no chão. O fazendeiro logo exigiu que João desse conta de um boi para substituir o seu Alazão, nem que fosse de madeira ou até mesmo através de um desenho, mas ele queria seu boi. (depoimento de Mestre Bicudo in PINTO, 2018, p. COSTA; PINTO, 2018 e página31 .)

O boi substituto, portanto o boi de mestre Bicudo, tem sua coluna feita com madeira de dois metros e doze costelas com talisca de bambu. Seus olhos são de cabeça de frade, o rabo é preso em um forro de pano e seu corpo é coberto com seis metros de tecido estampado. Tem uma pessoa por baixo do boi, para realizar seus movimentos, à sua frente, um vaqueiro, vestido com roupa de couro para doma o boi. Assim, essa manifestação alegra as festas populares da cidade, como festas de Santos Católicos e principalmente o carnaval. (PINTO, 2018)

Outra manifestação presente na comunidade são os mascarados que saem no período do carnaval, como: as caretas, o Mandú e o Capa bode.

Caretas



Figura1. Bloco de caretas: São Bento em Ação e Coração Valente, carnaval de 2019. São Francisco do Conde-Ba. Fonte: Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde.

As máscaras das caretas são feitas com tecido, papelão, cartuchos feitos de papéis, algodões e papel de seda.

Mandú



Figura 2. Mandú. Fonte: Hellen Botelho.

O Mandu é outro tipo de mascarado. A palavra Mandu transita pelos povos africanos e indígenas. Monilson dos Santos Pinto (2014), em trabalho intitulado “Nego Fugido: o teatro das aparições”, resultante de pesquisa realizada em Acupe, distrito do município de Santo Amaro, a poucos quilômetros da sede do município de São Francisco do Conde, relata:

Os Mandus, espíritos bons, saíram às ruas em julho, um mês antes, para afastar os espíritos maus e atrair os bons, livrando a comunidade da praga do mês de agosto. A fama do mês de agosto permanece até hoje e, coincidentemente, nesse período, acontecem muitas tragédias e morrem muitas pessoas na comunidade. Alguns moradores antigos de Acupe também comentam que as pessoas se vestiam de Mandu ou usavam máscaras para esconder o rosto e enganar a morte, e gemiam suplicando para que ela não acontecesse. Daí a expressão: “lá vem o Mandu”, palavra utilizada para designar pessoas feias ou momentos indesejáveis. Esses relatos relacionam a presença da manifestação nas ruas de Acupe a aspectos místicos e ritualísticos, um processo de cura da praga que atingiu a comunidade. (SANTOS,2014p.38)

Capa bode



Figura 3. Capa Bodes, carnaval de 2019, São Francisco do Conde-Ba. Fonte: Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde.

O surgimento do capa bode remete ao período da escravidão:

[...] A partir da fuga dos africanos escravizados de origem Bantu (Angola) que no início usavam cabeças de animais como disfarce para fugir dos engenhos de cana de açúcar e mais tarde passou a confeccionar mascaras de expressões aterrorizantes, vestiam roupas grossas, andavam com uma corda para capturar animais, uma grande cabeça amarrada na cintura e uma sacola de palha de coqueiro. (PINTO, 2018, p. 33)

Vale ressaltar que os três tipos de mascarados acima não estão presentes apenas no bairro de São Bento, mas em todo o município de São Francisco do Conde. Esses tipos de máscaras são bastante comuns nos carnavais da cidade. Elas materializam a produção criativa e artística dos moradores do bairro, assim como evocam a diáspora africana tão presente na nossa história e nas nossas manifestações. De acordo com Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (2006):

É importante marcar decisivamente, que os povos africanos não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava, eles marcaram (e marcam), de forma irreversível, a nossa formação social, tecnológica, demográfica e cultural. Ao longo desses séculos, esta influência foi preservada e recriada, mesmo com políticas contrárias ao sistema. (SANZIO, 2006, p. 344)

A criatividade latente da comunidade permitiu a criação também dos homens de latas, formado por um grupo de amigos que tiveram a ideia de fazer um macacão, utilizando latinhas de cerveja

e refrigerante. Desde sua primeira aparição viraram sucesso no carnaval de São Francisco do Conde.

Outro grupo importante para a comunidade é o Samba de Roda Criola, que surgiu após o término do grupo Unidos de São Bento, no ano de 1998. O grupo de samba Unidos de São Bento era um grupo de pessoas que saía em cortejo no período do São João e do carnaval levando música e alegria para a comunidade. O Samba de Roda Criola, ao contrário dos outros sambas de roda, tem o ritmo corrido e o processo de entrada e saída das sambadeiras na roda acontece a partir da umbigada. O responsável pelo grupo é Seu Paulinho Rasta, o pai de Natalyne Santos, informante do presente estudo. Todas essas pessoas responsáveis pelos grupos citados tiveram contato com as crianças, produziram oficinas, deram entrevistas e participaram de rodas de conversa com os alunos do projeto *Trilhando na Cultura*.

A comunidade de São Bento também celebra o reisado. Particpei de ensaios e apresentações junto com o Reisado Glória e Louvores, que é um grupo cultural de São Francisco do Conde. O grupo conta com a colaboração de crianças e jovens da comunidade de São Bento. No dia da festa de reis, comemorada no dia 6 de janeiro, são realizados cortejos, missa e o presépio encenado, onde sempre me apresentei como Isabel, a prima de Maria, Mae de Jesus. A festa de reis acontece há bastante tempo na comunidade e sempre é finalizada com o samba de roda.



Figura 4. Apresentação do reisado. Gleice Hellen e Kelly Oliveira. São Francisco do Conde, 2020. Foto: Derivaldo Sales.

Quem participa do grupo são senhoras que moram no centro da cidade. Ter participado desses momentos de preparação com as organizadoras do grupo Dona Clara e sua filha Celeste. Dona Clara fazia questão de ir fazer o convite pessoalmente e ao final sempre nos dava uma lembrança em gesto de agradecimento por ter participado. Foram momentos bons, de orgulho e de pertencimento em ver uma comunidade tão motivada em manter a tradição, a beleza e ter apresentações impecáveis, pois eram assim que as senhoras se dedicavam em fazer. Elas ajudavam nos ensaios, nos figurinos e participavam dos cortejos vestidas de roupas coloridas e com muita alegria. Na minha passagem pelo Programa Mais Educação, na escola As Três Marias, realizei oficinas de teatro e preparei as crianças para fazermos o cortejo de reis na escola, cantando uma das músicas com o figurino.

2.1 Na minha comunidade tem Teatro

Na comunidade tivemos alguns grupos de teatro, dentre eles, o São Ben'Arte com o qual tive as minhas primeiras experiências como espectadora de teatro, a partir de apresentações realizadas nas ruas, em escolas e às vezes em espaços alugados na comunidade. O grupo foi criado em novembro de 2001 e impulsionou a criação de outros grupos, como o São Ben'Artinho e o Caixa de Foco, criado em 2012.

Glilson de Jesus do Carmo, professor de história e morador de São Bento, sempre ativo na organização e participação das atividades artísticas e culturais da comunidade, foi um dos fundadores do Grupo Teatral São Ben'Arte. Ele conta que o grupo surgiu da Associação Juventude Consciente que teria como propósito amenizar as desigualdades do bairro de São Bento das Lajes, mas na prática não ocorreu desta maneira. Uma das ações da Associação Juventude Consciente foi fundar um grupo de teatro local que levava o mesmo nome da instituição na época. Porém, por conta de um desentendimento houve uma separação, passando a se chamar, a partir de então, São Ben'Arte. Sobre a relação do grupo de teatro com a comunidade estigmatizada, Glilson relata:

sabíamos que o nome não era tão impactante artisticamente falando, mas muito necessário, pois o objetivo era elevar a autoestima da comunidade e melhorar a sua imagem externamente, já que éramos vítimas de discriminação por conta das desigualdades existentes e conseqüentemente o crescente número de usuários de drogas e da violência (DO CARMO, 2021).

Glilson e outros colaboradores acabaram ficando responsáveis pelo grupo de teatro. Até então ele oferecia apenas um apoio ao grupo, mas certa vez, ocorreu uma apresentação em

homenagem aos dias das mães, em um espaço em São Bento e uma das pessoas que iria apresentar a peça, por algum motivo, não pôde estar presente. Nesse dia, Glilson teve que apresentar no lugar dela. A partir dali, ele ficou mais envolvido nas criações e montagens das peças. Devido a um grupo que existiu na sede de São Francisco do Conde, chamado *Corão do Riso*, um ex-participante desse grupo, chamado Luiz Cláudio teve acesso a algumas dramaturgias, e então, com sua breve passagem pelo São Ben'Arte, essas peças teatrais foram levadas para o grupo de teatro de São Bento.

Eram realizados diversos gêneros e modalidades teatrais, mas principalmente o cordel e o teatro de rua. A principal apresentação de cordel do grupo foi *O Malandro e a Graxeira no Chumbrego da Orgia*. Também tinham apresentações mais curtas justamente para a rua, como: *A Família* e *No mais, sem novidades*. O grupo também produziu um espetáculo de autoria própria apenas para apresentar nas escolas. Chamava-se *A Fuga*, e contava a história de personagens infantis que fugiam dos livros por falta de leitores. Porém, Glilson acredita que o maior espetáculo do grupo foi o *Pato Pastel*, pela produção e por ser um espetáculo extremamente político. Era uma crítica e uma reflexão profunda sobre a ditadura militar. Sobre essa peça, Glilson relata:

É óbvio que na época não tínhamos a dimensão da profundidade do espetáculo, fechávamos um espaço e cobrávamos um ingresso simbólico, a comunidade comparecia em massa, acabamos levando ele também para o Teatro Dona Canô em Santo Amaro e uma escola em Salvador.

Segundo Glilson, o grupo foi ficando mais maduro, adquiriu mais conhecimento sobre técnicas teatrais ao começar a fazer parte da Rede em Movimento de Teatro Amador (RMTA), e do Fórum Intermunicipal de Teatro Amador (FITA). Com isso, o São Ben'Art foi criando novas relações com outros grupos teatrais. Foi criado um evento que acontecia todo ano no mês de agosto, que era o Arrastão Cultural, no qual contava com a presença de diversos grupos culturais da região metropolitana de Salvador e da própria capital. No Arrastão Cultural reuniam-se grupos que tinham o mesmo propósito que o do São Ben'Arte, portanto, o de combater as desigualdades em seus bairros, como os grupos *Gatos de Rua* e o *Los vira latas*, ambos do Beirú, localizado na área do antigo quilombo do Cabula, na cidade de Salvador.

Natalyne Santos, ex-integrante do São Ben'Arte e uma das fundadoras de outros grupos, como São Ben'Artinho e o Caixa de Foco, relata que os Arrastões Culturais eram esperados pela comunidade, pois a mesma ajudava na sua realização, com patrocínio e assinatura do livro de ouro, que servia para ajudar nos custeios do grupo de teatro. Durante o Arrastão Cultural, cada

ponto do bairro tinha uma apresentação de algum grupo cultural ou artístico do próprio bairro ou de outras comunidades da cidade, como do centro, Campinas e Monte Recôncavo, além de grupos que vinham de outras cidades. Na minha lembrança, além do teatro, a dança e a capoeira abrilhantavam as ruas do nosso bairro.

O envolvimento de Natalyne com o grupo de teatro passava pelas encenações que já realizava nas atividades da igreja de São Bento, como no Natal e na Sexta-feira Santa, mas também no circo fundado pela sua família. A relação entre a igreja e o grupo era tão forte que ele chegou a ter uma camisa estampada com a figura de uma pomba, um símbolo religioso cristão. Segundo Natalyne, “o contraponto do grupo era a pessoa de Glilson, que não participava da igreja católica e devido a suas experiências, ele trazia os textos de William Shakespeare, como *Macbeth*, história de cordéis, como *O Malandro e a Graxeira, Tibúrcio...*”. (SANTOS, 2021)

Foi por meio do São Ben'Arte que outros grupos de teatro foram criados. A partir das experiências desses grupos foi se tecendo uma série de saberes e experiências que contribuíram na formação de suas/seus participantes, como a minha. A partir da história e características da comunidade de São Bento e do teatro como subsídio para transformar, ressignificar e construir novos aprendizados e sujeitos, o capítulo a seguir dialoga com a experiência de outros grupos e narra a trajetória de Natalyne Santos, co-fundadora de outros grupos de teatro que atuaram na comunidade.

Capítulo II DIÁLOGOS ENTRE TEATRO, COMUNIDADE E ARTE EDUCAÇÃO

2.1 Experiências com arte educação e um teatro emancipatório

Diante da potencialidade cultural e artística da comunidade de São Bento, reflito nesse estudo a respeito da importância e necessidade de um currículo escolar que valorize as histórias, personalidades, grupos e manifestações culturais presentes no bairro. A partir da minha trajetória escolar no bairro de São Bento, não tive contato com pessoas, mestres/as da cultura popular, grupos culturais em atividades promovidas pela escola, como fonte oral, realizadores de oficinas ou fonte de temas geradores.

Como discute a arte educadora Ana Mae Barbosa, fundadora desse campo no Brasil e ex-aluna de Paulo Freire, é possível por meio da arte educação oferecer uma educação mais centrada na realidade dos alunos, que valorize e impulse a construção de sua identidade, da consciência histórica e do senso crítico. A cultura de massa, a internet e as suas redes sociais, na minha percepção, contribuem para a desvalorização da cultura mais tradicional. Além disso, o fato do país ter sido colonizado por muito tempo, em um processo de subjugação das culturas africanas e indígenas também acentua o abismo existente entre as culturas, as artes negras e os saberes tradicionais e a educação formal. Mesmo havendo uma preocupação pela busca dessa identidade cultural, ainda existem fragilidades significativas nesse campo, como aponta Ana Mae Barbosa:

(...) a preocupação com o estímulo cultural através da educação tem sofrido uma diferente abordagem nos mundos industrializados e em vias de desenvolvimento, revelando diversos significados através de diferenças semânticas. Enquanto no Terceiro Mundo falamos sobre a necessidade de busca pela identidade cultural, os países industrializados falam sobre a leitura cultural e ecologia cultural. Assim, no mundo industrializado a questão cultural é centrada no fornecimento de informações globais e superficiais sobre diferentes campos de conhecimento (*cultural literacy*) e na atenção equilibrada às diversas culturas de cada país (ecologia cultural). (BARBOSA, 2012, p. 1)

Sobretudo a arte tem um papel fundamental no desenvolvimento cultural, pois carrega em sua essência elementos que caracterizaram uma sociedade. Segundo Ana Mae Barbosa (2012), é por meio das artes que temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou até mesmo o grupo social, como também seu modo de vida, sistema de valores, tradições e crenças.

É na comunidade que o indivíduo conhece o que é sociedade, sua organização, seus costumes e as crenças predominantes. A comunidade de São Bento não é registrada como um território quilombola, apesar das suas características, apresentadas no capítulo anterior. A comunidade de São Bento, como outros territórios no país, não são registrados como comunidade remanescente de quilombo, devido ao apagamento, e a tentativa de branqueamento da nossa geografia. Segundo Rafael Sanzio (2013),

A história brasileira tem se referido aos quilombos sempre no passado, como se estes não fizessem mais parte da vida do país. Não podemos perder de vista que esse aparente desaparecimento das populações negras, principalmente dos livros didáticos, faz parte da estratégia do branqueamento da população brasileira. (SANZIO, 2013, p. 53)

O ensino de teatro no âmbito da educação formal e não formal abre a possibilidade de combater o apagamento que tanto as culturas negra quanto as indígenas sofrem. O Teatro Experimental do Negro (TEN) fundado por Abdias do Nascimento, ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras, teve o intuito de resgatar os valores negro-africanos, os quais seguem oprimidos ou relegados na camada inferior da cultura brasileira. Buscar referências como essa para se pensar o teatro dentro das comunidades é uma ferramenta importante, que inspira a identificação com a nossa cultura, assim como a sua propagação, combatendo também as manobras que são feitas para a não existência da mesma. De acordo com Nascimento (1980),

Na rota dos propósitos revolucionários do *Teatro experimental do negro* vamos encontrar a introdução do herói negro com seu formidável potencial trágico e lírico nos palcos brasileiros e na literatura dramática do país. Transformou várias empregadas domésticas-típicas, mulheres negras – em atrizes, e muitos trabalhadores negros modestos, alguns analfabetos, em atores dramáticos de alta qualidade e atrizes de valor reconhecido. (NASCIMENTO, 1980. p. 68)

O propósito do TEN não era apenas formar artistas, mas formar sujeitos críticos das suas condições de vida, enaltecendo a possibilidade de estarem em outros papéis no palco e na vida. O TEN também oferecia cursos para mulheres e homens negros e negras de alfabetização e cultura geral para adultos.



Figura 5. Sede União Nacional dos Estudantes/UNE, Rio de Janeiro (RJ), 1944: aula de alfabetização e cultura geral para adultos, organizada pelo Teatro Experimental do Negro/TEN e ministrada pelo professor Ironides Rodrigues. Fonte: Acervo Ipeafro.

Uma outra referência importante para esse estudo e, mais especificamente, para se pensar no teatro que visa a emancipação dos sujeitos é o Teatro do Oprimido (TO), idealizado por Augusto Boal, dramaturgo, diretor de teatro e ensaísta. O Teatro do Oprimido, inspira-se na *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1968) e alia o teatro a ações sociais. O Teatro do Oprimido tem por finalidade fornecer ao sujeito oprimido, meios de produções teatrais, através de seus conjuntos de técnicas e jogos destinados às práticas teatrais, visando a emancipação dos sujeitos (OLIVEIRA, 2019). De acordo com Oliveira (2019),

Os jogos e exercícios no TO têm inúmeras funções: desmecanizar o corpo, desenvolver a criatividade, suscitar discussões e reflexões sobre algum tema específico, criar cenas e personagens, construir e desenvolver a subjetividade de personagens, entre outros. (OLIVEIRA, 2019, p. 79)

Os jogos teatrais são conjuntos de técnicas metodológicas que irá auxiliar os/as participantes do teatro para o seu desenvolvimento em cena.



Figura 6. Jogo expressão corporal. São Francisco do conde, 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Os jogos também fizeram parte das minhas experiências como educadora. A imagem acima retrata um jogo aplicado na turma do *Mais Educação*, na escola As Três Marias, localizada no bairro de São Bento. Em uma aula anterior foi proposto para os/as alunos/as que eles/a observassem o caminho de suas casas até a escola. No encontro seguinte, solicitei para que as crianças formassem grupos de quatro pessoas. Cada grupo se reuniu para conversar sobre os elementos que haviam visto durante seu trajeto até a escola e assim decidiram qual elemento iriam representar por meio de seus corpos. Cada grupo deveria observar a representação, identificando o que seria cada expressão. Os alunos da imagem acima representaram a igreja de São Bento. Os jogos são ferramentas fundamentais para o aprendizado das técnicas teatrais. Com essa mesma turma realizei jogos teatrais, tendo como mote o livro *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém (2007). Esses jogos aprendi ao longo da minha experiência nos grupos de teatro já mencionados, que tinham como mediadora e arte educadora Natalyne dos Santo, cuja trajetória no campo das artes é relatada a seguir.

2.2 A trajetória de Natalyne nas artes cênicas

Filha de Francisco Paulo dos Santos e Maria da Conceição Pereira, Natalyne nasceu em 15 de julho de 1989, por mãos da parteira Mãe Didi (*in memoriam*), na comunidade de São de Bento, São Francisco do Conde-BA. Graduada em artes cênicas em 2015 e mestranda no PPGAC-

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha V: Processos Educacionais em Artes Cênicas. Sua pesquisa atual intitula-se *Voz e Vez: O Saber Tradicional em Articulação com a Educação Formal*. Natalyne ministrou cursos através da RMTA-Rede do Movimento de Teatro Amador da Bahia e tem experiências com arte-educação em cursos profissionalizantes, que também foram estímulos para ingressar na universidade². Apesar da sua formação acadêmica, a comunidade também a formou: os saberes dos mais velhos e a arte existente em seu bairro, especialmente o teatro.

Seu primeiro contato com a arte ocorreu por meio da sua própria família. Seu irmão Adelmo tinha um grupo de circo, que realizava apresentações junto com os outros irmãos e amigos no terreno de sua avó, ao lado de sua casa, localizada na rua do Drena I, no bairro de São Bento. Natalyne lembra-se que o circo foi fundado no ambiente de sua família quando era ainda criança, tinha na altura aproximadamente 7 anos de idade, portanto era meados dos anos 90. O circo foi criado com o objetivo de trazer entretenimento para as pessoas que moravam no Drena. No bairro de São Bento tem duas ruas com o nome de Drena, conhecidas como Drena 1, onde mora a minha família e a de Natalyne, e Drena 2. A mãe de Natalyne, conhecida como dona Sinha, conta a história das ruas:

(...) essas duas ruas são ligadas por um rio. Quando eu era criança, até a minha juventude esse rio era que nos fornecia água para lavar roupas, louças, cozinhar, banho e até beber. Era o meio de sobrevivência. A água do rio era limpa, cristalina, ele tinha a sua nascente lá no bairro de Campinas e as pessoas da comunidade zelavam por ele. Acredito eu e tem quem concorde comigo, que foi este rio foi o que originou o nome das principais ruas, por conta da drenagem do rio. Lembro-me que antigamente as pessoas não chamavam a rua de Drena, não tinha uma identidade, falavam: no meio da rua! Na ponta da rua! No início da rua! Com um tempo veio se chamar Drena (SANTOS, 2015, p. 25).

Em um dado momento da entrevista com Natalyne, realizada na casa de sua mãe, dona Sinha nos interrompeu para oferecer uma bacia com caranguejos, alimento esse que gera renda e mata a fome de muitos da comunidade. O Drena 1, portanto a nossa rua, tem um manguezal e a nossa comunidade é formada sobretudo por marisqueiras e pescadores. Essa é uma das singularidades da nossa comunidade.

² Natalyne realizou palestras em escolas baianas, oficinas de contação de histórias, de teatro, além de apresentações nos teatros Vila Velha, Jorge Amado, Sesc Pelourinho, Sesi Rio Vermelho e Martim Gonçalves. Atuou como co-diretora musical, juntamente com a musicista Emillie Lapa no espetáculo Contos de Azeviche, Espetáculo Poético Musicado Mariar Um Mar de Poesias, no qual assinou direção, concepção, dramaturgia, atuação e produção no Teatro Gamboa Nova. Em 2021 atuou em Douá Alabá, espetáculo apresentado via YouTube em razão do contexto pandêmico em que estamos vivendo.

Natalyne conta que pelo fato de seus pais terem oito filhos, a idéia do circo também surgiu de uma brincadeira de irmãos. Seu irmão Adelmo sempre foi bem criativo e dava esse toque especial nas brincadeiras. No quintal de sua avó, por ter sido uma área muito grande, foi possível construir uma cabana com palha de coqueiro e pau seco do manguezal onde, ela e seus irmãos brincavam de muitas coisas: “brincávamos de venda, de morar... e aí foi quando começamos a brincar de apresentar nesses espaços” (SANTOS, 2021).

Eram realizadas apresentações para a comunidade, principalmente para os moradores das ruas próximas à Rua do Drena I. Sua mãe, mais conhecida como dona Sinha, era quem escrevia os números das apresentações. Mais tarde, ela entendeu que, aquele ato que a sua mãe fazia, era dramaturgia. Natalyne relata que sua mãe sempre foi muito participativa, principalmente nos entretenimentos, mas também dava ideias nas atividades escolares de seus filhos. Essas atividades de Natalyne e seus irmãos eram levadas sempre de forma criativa.

Sua mãe, então, começou a escrever os números do circo. Um deles era o do Menino Elástico, protagonizado pelo seu irmão caçula, Sérgio. Ele era colocado nú, dentro de uma bolsa com zíper e fechado: “ele sempre foi muito magrinho e acabava se tornando uma figura muito engraçada, porque ninguém esperava que sairia um menino dali, ele sempre saía correndo” (SANTOS, 2021). Outro número era “As bucetudas”, que tinha a participação de outros meninos do Drena. No total eram cinco meninos vestidos com maiô, doação de sua mãe, tias e vizinhas. Eles dançavam em passos iguais, maquiados, usavam lenço na cabeça, pois não se tinha dinheiro para a compra de perucas. Também tinham os palhaços Pipoca e Pirulito e o Homem Fogo, que soprava fogo, utilizando um álcool na boca. Sobre esse último número, Natalyne se recorda de um episódio marcante:

Teve um dia inclusive que o circo pegou fogo, literalmente! E foi por conta desse número. Porque geralmente dia de domingo, meu pai estava curtindo, comendo água. Meu pai tinha um cabelo rasta enorme, meu pai entrou no circo e começou a tocar timbal e a galera começou a gritar e o circo começou a encher, o povo começou a pagar para entrar, ele começou a fazer a maior presepada (risos) e aí o pessoal começou a gostar da performance e meus irmãos deixaram. Enquanto meu pai foi tocando timbal, a galera foi sambando na plateia, aí o menino começou a soprar fogo, que era feito com um pedaço de pau com tecido, acho que era um tecido amarrado na ponta do pau e esse fogo ia crescendo. E meu pai, sem querer, bateu com o cabelo na mão do menino que fazia a pirofagia, que acho que era Buguelo na época e aí o pau voou, pegou fogo nas palhas, e todo mundo começou a gritar para querer sair do circo, foi um alvoroço. Conseguimos apagar o fogo e no dia seguinte construíram o circo novamente.

Os ingressos custavam 0,10 centavos, chegando até a 0,25 centavos. A matriarca da família realizava festivais de pastéis para atrair o público. Fiquei extremamente surpresa, pois até o momento não sabia que na minha comunidade já havia existido um circo e organizado pelos próprios moradores. Depois de um tempo, o circo deixou de ser de palha e passou a ser de lona, comprada com a arrecadação dos ingressos. Conseguiram madeira, as que sobravam de obras da prefeitura eram reutilizadas, e com elas fizeram as arquibancadas e o palco. Natalyne conta que na época só se fazia festivais de pipoca e sua mãe ousou em fazer festival de pastel. E com isso lotava o circo. Tinha também uma banda chamada Melô do Siri, que tinha seu irmão Bony, como vocalista, seu outro irmão, Ancelmo, era baterista, e um outro jovem da comunidade apelidado de Cabeção era o *backing vocal*, sua irmã Natali era dançarina juntamente com outra menina apelidada de Patoinha.

O circo passou por vários lugares. Primeiro foi no terreno de sua avó, ao lado de sua casa, depois foi no terreno em frente a casa de Natalyne, no terreno de Dona Balbina. O último lugar foi ao fundo da casa da sua avó, em um local mais afastado. Foi nessa fase que o circo começou a se desfazer. As pessoas não queriam ficar em um lugar tão distante da rua, lembrando que aqui na comunidade o principal espaço de sociabilidade é a rua.

A sua experiência com encenações no circo e fora dele levou Natalyne a ser muito participativa na escola e costumava se apresentar com frequência nas atividades culturais. As suas apresentações contavam com o apoio da família. Sua mãe, em particular, teve um papel muito importante nesse processo, pois era responsável pela escrita e contação de histórias. Dona Sinha sabe escrever desde nova e chegou a dar banca para crianças do Drena. Assim, escrevia as peças e quando Natalyne começou a escrever, ela ditava para a filha transcrever. Já o pai de Natalyne, seu Paulinho, começou a ler e a escrever com 40 anos e é aluno do EJA no Instituto Luiz Viana Neto. Dona Sinha não tem vontade de cursar o EJA, segundo ela, pelo fato da escola ser muito distante da sua casa. Então, dona Sinha segue repetindo há muito tempo o último ano do Fundamental 1 na Escola Três Marias para não parar de estudar, algo bastante comum, sobretudo, entre as mulheres da comunidade.

Os números dos espetáculos do circo surgiam quando ela estava fazendo as atividades domésticas. Então, ela parava de lavar a roupa e anotava. Se Natalyne e seus irmãos estivessem em casa, sua mãe logo comentava a sua ideia para a próxima apresentação do circo. Natalyne conta que houve uma época em que seu pai ficou desempregado e ela e seus irmãos ainda não tinham idade para trabalhar. Então, chegaram a ficar sem energia em casa por um tempo. Nesse

período, durante a noite, à luz de velas e acompanhados com um prato de sopa, sua mãe, dona Sinha, contava histórias de sua infância, do bairro, de pessoas que já passaram pela comunidade e também criava histórias, buscando entreter os seus oito filhos. Daí surgiram peças com temas relacionados à família e à juventude. Durante a entrevista com Natalyne ela se lembrou da peça *O casamento da roça*, escrita pela sua mãe e declamou uma das falas presente na peça. A lembrança foi divertida e instigante para mim, pois, recordei-me dos momentos em que ensaiei essa mesma peça com o grupo de teatro São Ben'Artinho, voltado para as crianças.

Quando jovem, Natalyne foi integrante do grupo jovem da igreja católica, no qual participou de algumas peças com temáticas natalinas, mas relatou que sentia a igreja de São Bento um pouco fechada. Ela explica que sempre tinham pessoas com mais familiaridade com o canto ou com determinados papéis nas encenações e assim, as mesmas pessoas costumavam desempenhar as mesmas atividades, sem permitir que desenvolvessem outras habilidades e sem dar a oportunidade para outras pessoas com menos ou nenhuma experiência prévia. Aos 13 anos, Natalyne participou do grupo do teatral São Ben'Arte, onde a maioria dos membros também era católica praticante, e eles tinham que conciliar o teatro com as atividades da igreja. Após a experiência nesse grupo, Natalyne e outros integrantes sentiram a necessidade de formar um outro grupo que pudesse reunir também crianças. Assim foi criado o São Ben'Artinho que integrei dos 9 aos 12 ou 13 anos, com algumas interrupções nas atividades do grupo. Natalyne foi também uma das fundadoras do grupo teatral *Bando de Teatro Caixa de Foco*, grupo fundado com ex-integrantes do São Ben'Arte. Nesse momento minha história se cruza com a de Natalyne, já que ela era uma das responsáveis pelos grupos.

2.3 Experiência com teatro durante a universidade

Sua experiência com o teatro na comunidade foi dividida em dois momentos: antes de ir para universidade e depois do seu ingresso. Natalyne, como já foi relatado acima, tem experiência com a arte desde cedo. Com muito esforço conseguiu entrar na Universidade Federal da Bahia para cursar Artes Cênicas. Ao chegar lá, percebeu que já sabia de muitas coisas. Natalyne relata: “Quando chego à universidade e penso que estou zerada, eu não estou zerada. Quando a professora entra na sala de aula e coloca uma música, eu sei essa música. Pera ê! Eu conheço esse jogo!”. O sujeito quando entra, seja na educação infantil, básica ou na universidade, nunca está vazio de conhecimentos e os novos se agregam. Segundo Córmino (2007, p. 57)

nas suas interações com o mundo sociocultural e natural, vai tecendo os seus conhecimentos. O sujeito por meio de suas interações com a família, comunidade e

outros espaços de aprendizado, como a experiência artística no próprio bairro, ele vai cultivando o seus conhecimentos.

Chegou o momento de realizar o estágio do curso de graduação e Natalyne não viu outro lugar para realizá-lo a não ser em seu próprio bairro. O projeto foi realizado com algumas crianças e adolescentes com faixa etária entre 6 a 15 anos. As oficinas de teatro foram iniciadas com 20 participantes, mas com a evasão, o trabalho finalizou-se com 16. O projeto teve duração de três meses, de setembro a dezembro de 2014 e as oficinas foram realizadas aos finais de semana e feriados. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Natalyne relata que no primeiro dia de oficina, deu um papel escrito apenas com o título: “*São Bento, buraco velho tem cobra dentro*” e pediu que as crianças escrevessem a respeito desse nome criado por ela:

(...) solicitei que eles escrevessem nesses papéis as opiniões relacionadas ao tema proposto para as oficinas, a partir do que eles entendiam sobre o assunto, qual o sentido, que relações se estabeleciam, etc. Nesse momento eles puderam expor essas questões da forma que melhor lhes cabia. Apesar da dificuldade de algumas crianças na produção do texto, as respostas foram diversas: alguns colocaram palavras soltas, outros frases inteiras, desenhos. Um dos alunos me chamou atenção quando associou o tema ao ditado: “Panela velha é que faz comida boa”. E outro ainda perguntou: “só tem cobra aqui no bairro, é?”. (SANTOS, 2015, p. 37)

O título da atividade tornou-se o nome do espetáculo. A partir desse momento, as crianças junto a sua mediadora, tiveram que realizar entrevistas com os moradores mais antigos para buscarem esse retrato histórico do bairro, por meio das “bibliotecas vivas” que são os mais velhos. Definição essa dada pelo escritor malinês Amadou Hampaté Bâ ao se referir aos mais velhos, exaltando a importância da oralidade: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” .

Como nos ensina Amadou Hampaté Bâ, é fundamental valorizar essas fontes orais. Durante toda sua pesquisa, Natalyne buscou beber dessas fontes, dando a sua devida importância e tornando-as protagonistas de seu trabalho. Através das pesquisas realizadas no bairro, assim como as entrevistas realizadas com os moradores e trazendo à tona contextualização da comunidade, que ela levou para as crianças elementos que geraram discussões e contribuíram com suas oficinas. Como afirma Ana Mae Barbosa, “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local”. (BARBOSA, 2015, p. 5)

Ao contar como surgiu o título da peça, sua pesquisa trouxe histórias bastante curiosas e também a origem da fama discriminatória do bairro, que resulta no estigma também dos seus moradores, habituados a ouvir: “só podia ser de São Bento”.

O nome [São Bento, buraco velho tem cobra dentro] (...) trata-se de um trecho de uma musica de capoeira, muito forte no bairro. Seus principais representantes são os mestres Toinho, Feliciano e Emídio. Coincidentemente, a letra roga ao santo padroeiro do bairro e trata de um espaço antigo, como um lugar perigoso por morar gente maliciosa e malandra. O título serviu para a oficina e para o espetáculo. Na própria ginga da capoeira é demonstrado essa malandragem, principalmente num dado movimento de nome “mandinga”. É um forma de desconcentrar o seu adversário, ou inutilizá-lo (SANTOS, 2015, p. 28)

São Bento ganhou a fama de ser um bairro de pessoas mal educadas e violentas, o que marca até hoje esse território, centro de muitos fatos importantes, como aponta o historiador Glilson de Jesus do Carmo:

(...) Pois, não sabíamos nós que abrigávamos a primeira escola de agronomia da América latina construída por determinação do imperador D. Pedro II, onde nela se formou Landulfo Alves cuja refinaria da cidade recebe o seu nome. Onde esse patrimônio foi cenário de um filme italiano, na década de 70. Também em 2018, o bairro teve a honra de receber o autor de *O auto da compadecida* e *A pedra do Reino*, Ariano Suassuna. Sem esquecer do poeta Artur de Sales que trabalhou como bibliotecário neste instituto imperial, o escritor de *O cavaleiro das Horas Mortas* e autor do hino do Senhor Bom Fim. (PINTO, 2018, p. 11)

Essa citação acima vem dizer o quanto é importante o sujeito conhecer a sua história, o seu bairro. Construindo a sua própria identidade e não deixando ser reconhecido pelos estereótipos, muitas vezes reproduzidos com intenções perversas, fruto do racismo e de preconceitos. Sobre o processo que permite a formação da identidade cultural, Barbosa afirma:

A busca de identidade cultural passou a ser um dos objetivos dos países recém-independentes", cuja cultura tinha sido até então, institucionalmente definida pelos poderes centrais e cuja história foi escrita pelos colonizadores. Contudo, a identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas (BARBOSA, 2015, p.1)

Obviamente, não é a localização geográfica que define o valor de um bairro, mas as pessoas que nele habitam. Pessoas essas carregadas de histórias e memórias que Natalyne representou em sua pesquisa e que nos permite lançar um outro olhar sobre o bairro estigmatizado no município.

2.4 A Escola As três Marias como palco para o teatro da comunidade

A escola As três Marias está localizada na rua Avenida Santa Rita, no bairro de São Bento das Lajes. Foi nessa escola em que meus avós e pais estudaram e onde cursei todo o meu Ensino Fundamental 1. Com base no trabalho de pesquisa de Natalyne e a partir de fontes orais, a escola carrega esse nome para homenagear algumas mulheres. Como diz dona Sinha:

Foi construída no bairro de São Bento uma escola de ensino fundamental que foi nomeada Maria Amélia Santos, em homenagem à mulher de ACM (Antonio Carlos Magalhães). A escola era pequena e não comportava muitos alunos, dessa forma, foi construída junto a esta outra escola, esta segunda foi nomeada Maria Ferreira de Santana, outra mulher influente na época. Com o passar dos tempos ambas as escolas passaram a ser mais buscadas por pessoas interessadas e a necessidade de ampliar ia se fortalecendo, então deram-se início às obras de outra escola. Na mesma época ocorreu na cidade um fato marcante, uma mulher chamada Maria das Dores Alves, diretora da escola Carlos Pratas, localizada no convento santo Antônio, a qual eu estudei e irmã de doutor Francisco, um médico reconhecido na cidade, foi a passeio de barco para a ilha Paramana com uma amiga. No caminho o barco virou e a penas Maria da Dores Alves morreu afogada, foi uma fatalidade! Como já havia sido construída uma terceira escola ao lado das duas que já funcionavam, esta terceira ganhou o nome de Maria das Dores Alves como homenagem. Mais tarde a Escola passou a ser reconhecida como as Três Marias, três escola em uma só. (SANTOS, 2015, p. 26)

A escola foi palco de várias atividades culturais e também de nossos ensaios, enquanto participante do São Ben'Artinho e do Bando de Teatro Caixa de Foco. O espaço também foi utilizado para a realização das oficinas de estágios. Natalyne define a escola As três Marias como uma guardiã do acesso à escrita. Durante os encontros do estágio houve um momento que a escola foi entregue ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE), então o grupo precisou ir para outro lugar realizar os ensaios. Natalyne relatou que foi curioso o quanto a mudança de espaço influenciou na construção cênica: “Ensaiar na escola servia de estímulo para a valorização dos alunos para com sua escola que a eles foi cedida”.

Ao ser perguntada sobre como era a relação da escola com o grupo teatral na época do São Ben'Arte e dos demais grupos e se os grupos eram convidados para realizarem uma troca, desenvolverem uma atividade, Natalyne explicou que o teatro se convidava e que por mais que tentasse ter esse diálogo com a escola, ele não ocorria. Já com a comunidade, a relação e o interesse tinham mais sucesso e explica que o retorno da comunidade não está em palavras e sim no olhar, na entrega, no desejo de participar. Segundo Natalyne, “diferente da escola, a comunidade se entrega, veste a camisa e fica eternamente grata”.

Apesar disso, os ensaios do grupo geralmente eram na escola As três Marias. No entanto, houve épocas em que a escola se manteve distante das necessidades do grupo e não disponibilizava o espaço para a realização dos ensaios sobretudo por questões políticas. O grupo começou a ter uma visão mais crítica relacionada à gestão municipal, então, um participante do grupo se candidatou a vereador no partido que era oposição à gestão da época. Esse candidato tinha quase todo o apoio do grupo de teatro e isso provocava divergências em relação à gestão da escola. Então, quando a escola não disponibilizava o espaço, os ensaios ocorriam na casa do próprio Gilson, na rua do bairro ou na antiga biblioteca da comunidade. Sim, São Bento teve uma biblioteca comunitária, que ficava localizada na rua do Drena 2. A proprietária era a professora de História, Tânia Nascimento (*in memoriam*), filha de Mãe Carlita (*in memoriam*). Eu mesma tive a oportunidade de realizar pesquisas para a escola nesta biblioteca que infelizmente não existe mais.

O grupo por um tempo lutou para ter uma sede, chegaram a comprar um pequeno terreno que ficava atrás da escola Bartolomeu dos Santos Matos. Na época o terreno custou 300 reais, mas não foi registrado em cartório. Como o grupo demorou a construir a sede, a prefeitura construiu uma estrada para passagem de carros, pois atrás da escola existem casas. O grupo não teve como recorrer nem mesmo a uma indenização.

2.5 Participação da família no processo educativo

A família é de fundamental importância em qualquer processo educativo. Os desafios na busca de reconhecimento e apoio estão nas diversas áreas em que se desenvolve um processo educativo. Com a realização das oficinas do estágio de Natalyne não foi diferente. Foi necessário realizar uma reunião com os pais e mães das crianças e jovens participante do projeto. Nessa relação com os pais e mães, Natalyne relatou que uma mãe ameaçou tirar a criança do teatro por um suposto mal comportamento doméstico. Nessa situação inesperada, Natalyne, pontuou que “o teatro é algo sério assim como a escola, a dança, o karatê...”.

A desvalorização direcionada às atividades artísticas é algo muito presente, inclusive dentro das escolas. É por esse motivo também que enfatizo a importância de um trabalho mais sólido e comprometido por parte da comunidade escolar em relação às artes no currículo, contribuindo para desmistificar o papel das artes na educação. Um ponto positivo foi o retorno que as mães deram sobre o comportamento dos/as filhos/as ao estarem participando do teatro. Algumas mães disseram que seus/suas filhos/as ficaram mais concentrados/as, focados/as na leitura e proativos/as nas tarefas de casa. Com os relatos de Natalyne foi possível perceber de forma mais objetiva outras contribuições do teatro na transformação e formação dos sujeitos envolvidos com essa atividade artística.

Recordo-me de quando me preparei para apresentar uma peça realizada pelo grupo Caixa de Foco e a minha mãe não autorizou minha participação na apresentação que aconteceria em uma outra localidade. Mesmo assim, o grupo fez questão de entregar o meu cachê, como um ato de reconhecimento da importância de minha participação no grupo. O medo de minha mãe em me deixar viajar ultrapassava a consciência de perceber o impacto da arte na minha vida, o quanto eu poderia ganhar indo para esses lugares e poder experimentar a arte com pessoas diferentes. Mas compreendi que o seu ato foi por cuidado e proteção. O grupo viajava para outras cidades e comunidades próximas, como Campinas e Monte Recôncavo. Recordo-me, de oficinas teatrais que eram realizadas em ambos os lugares e dos Arrastões Culturais organizados pelo grupo de teatro de Monte Recôncavo, Mont'Arte, coordenado pelo atual professor da rede municipal Rubens Celestino. Esses momentos ficaram registrados em minha memória pelas experiências de trocas e aprendizados significativos.

2.6 O Drena como cenário e a comunidade sua plateia



Figura 7. Encruzilhada das Ruas do Drena I,II e Rua da Jaqueira, São Francisco do Conde-BA, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.

Ao produzir um projeto dentro da comunidade é muito importante o momento de sua apresentação junto aos moradores da comunidade. Os ensaios do espetáculo *São Bento, buraco velho tem cobra dentro* eram realizados na ponte do Drena 1. Os ensaios abertos tinham o objetivo de inquietar, já que a arte tem esse poder, segundo a percepção de Natalyne e de outros/ autores/as. Esses ensaios na ponte do Drena 1, portanto ao ar livre e em um espaço público da comunidade, foram um sucesso. Natalyne relata que as pessoas paravam para observar: alguns da janela de suas casas e outros chegavam a se aproximar. Natalyne lamenta pelo fato de hoje a ponte ser ocupada por entulhos e pela instalação de um bar, hoje desativado. Ela fala que tentou fazer uma carta para as autoridades, mas infelizmente não conseguiu o apoio dos moradores. Portanto, a arte na comunidade de São Bento não chegou ainda nesse nível de motivar a participação dos moradores a ponto de reivindicar e lutar pelos seus direitos e pelo que acreditam. Natalyne, no entanto, acredita “que um dia pode chegar a esse nível”.

Em um dado momento de seu estágio na comunidade, Natalyne viu através da espontaneidade das crianças o teatro renascer na comunidade de São Bento. Pois de forma voluntária ao final de um dos ensaios, as crianças saíram da escola em direção as suas casas mas alguns desviaram o caminho e foram batucando pela rua, onde algumas pessoas se aproximavam e davam-lhes dinheiro. As crianças arrecadaram 53 reais com o objetivo de comprar esteiras novas, pois, as

que já eram usadas, por falta de zelo, estavam destruídas. Ela relata que ficou feliz em ver as crianças se tornando artistas, pois a arte parte de uma ação e as crianças tiveram autonomia para resolver um problema do grupo de participantes das oficinas coordenadas por Natalyne.

A finalização do projeto foi marcada com a apresentação das crianças no teatro Martim Gonçalves que pertence à Universidade Federal da Bahia. A autora do projeto diz ter ficado emocionada com outro resultado dessa experiência. O projeto desencadeou a formação da companhia de teatro A ponte é Comum, dirigida por Natalyne, e formada pelas crianças participantes do estágio.

2.7 A presença do teatro na minha formação

Foi por meio do grupo São Ben'Artinho, extensão do São Ben'Art, que era voltado para crianças que tive a minha primeira experiência de participação em um grupo de teatro. Consegui fazer parte por insistência, pois, a minha prima participava, mas na época não tinha o grupo voltado para as crianças, apenas para os jovens. Por isso surgiu o São Ben'Artinho, dando espaço a mim e a outras crianças. Comecei com 9 anos de idade, participei de ensaios, apresentações, oficinas, conheci pessoas e outras comunidades. O Bando de Teatro Caixa de Foco foi criado em 2012 devido ao São Ben'Artinho ter sido desfeito em razão de outras demandas que foram surgindo na vida, como trabalho, faculdade etc. O grupo era formado por ex-integrantes do São Ben'Artinho.

O teatro foi muito importante para minha vida, possibilitou-me desenvolver, por exemplo, a criatividade, a sociabilidade e a responsabilidade. E esses ganhos acompanharam toda minha trajetória; cada lugar em que passei, como na catequese e na faculdade eu pude praticar essa arte. Entre idas e vindas dos grupos dos quais participei, fiz teatro dos 9 aos 13 anos. Com 14 anos, tornei-me ajudante de catequista. Passei 4 anos sendo catequista, e na igreja, nos encontros de catequese, o teatro foi uma das ferramentas utilizadas nos meus planos. Neles estavam presentes encenações de histórias bíblicas representadas pelas crianças da catequese. Trabalhava com o jogo cênico de improviso, no qual as crianças davam sequência a um encadeamento de representações de acordo com seu entendimento. Os figurinos também eram improvisados, já que as crianças representavam para seus próprios colegas.



Figura 8. Crianças da catequese na Igreja católica de São Bento, São Francisco do Conde, 2016. Fonte: Arquivo pessoal.

A relação do teatro com a Igreja católica é algo bastante antigo, principalmente quanto ao ensino da arte. Com a chegada dos jesuítas no Brasil iniciaram o ensino da arte com o objetivo de catequizar os povos (ALMEIDA, 2011). Fazendo parte da catequese, eu e outras catequistas também realizávamos apresentações teatrais para crianças do próprio grupo e para outras crianças da comunidade. Essas apresentações aconteciam em festivais de cachorro-quente, pastéis e pipocas e ocorriam sempre no mês de outubro, quando se comemora o dia das crianças. Essas atividades eram organizadas pelo Ministério Catequético da comunidade de São Bento. Foram em momentos como esses que coloquei em prática o que aprendi durante minha passagem nos outros grupos citados. As apresentações eram sempre de cunho educativo ou simplesmente de humor.



Figura 9. Apresentação Dr. da Alegria/Caroline Lopez e Kelly Oliveira. São Francisco do Conde-Ba, 2015. Foto: Jaqueline Salles.

A foto acima é de uma apresentação realizada na escola Bartolomeu dos Santos Matos, que fica ao lado da igreja de São Bento. A comunidade por não ter um espaço comunitário, a exemplo de um clube, aos fins de semana, a escola acabava funcionando como um lugar de encontros, onde ocorriam formações catequéticas e aniversários, geralmente de crianças.

Particpei também do Grupo Jovem Cristão, realizamos apresentações nas ruas e dentro da igreja. As dramaturgias eram feitas ou entregues pela coordenação da catequese e da comunidade católica de São Bento. Vale ressaltar que não éramos um grupo de teatro cristão, e sim catequistas e jovens cristãos que usavam a arte com o objetivo de evangelizar, passar mensagens de esperança e refletir sobre a violência e as drogas que tanto assolam o nosso bairro.



Figura 10. Campanha da fraternidade e juventude: eis-me aqui, envia-me!³ São Francisco do Conde-Ba, 2013. Foto: Caroline Lopes.

Nas peças elaboradas a partir do grupo de catequese e do grupo jovem cristão havia uma busca por uma trama mais voltada para os valores éticos, morais e religiosos. Pensando no teatro dentro da escola, considero importante ter cuidado com as dramaturgias. O mediador deve propor textos levando sempre em consideração que o nosso país é laico. É muito importante

³ Campanha da Fraternidade é uma iniciativa da igreja católica, organizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. As campanhas são realizadas anualmente, tendo início na quarta-feira de cinzas e se estendendo por toda a quaresma. As campanhas são realizadas em conjunto com outras denominações cristãs. Com o objetivo de despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução.

refletir que o teatro dentro da escola deve também proporcionar aos/às estudantes um olhar político, crítico e emancipatório, trazendo à tona e valorizando a cultura dos mesmos.

Dando continuidade à minha trajetória, o teatro esteve presente comigo também na universidade. Na disciplina de Educação Infantil, ministrada pela professora Cristina Teodoro, foi realizado uma oficina, na qual fui encarregada de me caracterizar para contar a história do livro *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, para os meus colegas. Foi uma experiência muito boa, embora, já fizesse muito tempo que não atuava. Me senti envergonhada, meio tímida, mas no final deu tudo certo.

Ter feito teatro na infância e adolescência não me levou a fazer uma graduação em Artes Cênicas, mas contribuiu para minha formação e para o modo de enxergar as artes. Em relação à prática do teatro, aprendi, por exemplo, a usar minha voz e a falar em um tom de voz que pudesse alcançar o público, a me posicionar diante da platéia, a envolver a plateia na peça etc. Foram aprendizados que pude colocar em prática em todas as vezes que tive oportunidade de realizar uma apresentação teatral ou até mesmo em seminários.

Meu contato com o teatro, como já mencionado, não aconteceu por meio da escola, mas por um grupo atuante na comunidade. Hoje, na escola As Três Marias, os/as estudantes são contemplados/as com a disciplina de teatro. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), as artes devem ser ensinadas em disciplinas separadas: artes visuais, música, dança e teatro, com professores/as especializados em cada uma dessas áreas. Na minha época do fundamental não tinha isso. Fico muito contente em saber que a geração de agora tem essa oportunidade, tendo em vista as inúmeras vantagens de trabalhar essa arte na infância, como aponta Almeida:

A arte na escola implica, então, possibilitar novas práticas arte-educativas em que os sujeitos se reconheçam enquanto seres humanos produtores e herdeiros de tudo o que a humanidade produziu e produz, percebendo-se como sujeitos histórico-culturais, além de oportunizar “uma forma de conhecer e representar uma realidade, criando significados” (ALMEIDA, 2001. p. 5)



Figura 11. Estágio de Educação Infantil/ trabalhando a oralidade. UNILAB, São Francisco do Conde-Ba, 2019. Foto: Kellen Claudia.

No meu estágio em Educação Infantil fiz questão de colocar uma experiência teatral no plano de aula. Trabalhei com a história de Lelê, a partir do livro *O cabelo de Lelê* de Valéria Belém; finalizei o trabalho, usando como recurso uma caixa surpresa, onde tinha fantasias e adereços, inspirada na minha experiência com o teatro e em seus objetos cênicos e no trecho do livro: “vai a vida, vai ao vento, brinca e solta o sentimento”.

Como na educação infantil deve ser trabalhado os cinco campos de experiências presentes BNCC,⁴ para contemplar alguns desses campos, refletimos sobre a identidade étnica da criança. O tema foi abordado através de diálogos e música, *seu cabelo*⁵ de Duda Pimenta; esse momento teatral, explorando a oralidade, interação e as expressões corporais das crianças; foi um momento muito divertido e as crianças demonstraram encantamento com a atividade.

⁴ BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-campos-de-experiencias> Acesso em 29/07/2021.



Figura 12. Estágio de Educação Infantil/ trabalhando a oralidade. Escola Bartolomeu dos Santos Matos, São Francisco do Conde-Ba, 2019. Fonte. Arquivo pessoal.

A imagem acima retrata o momento em que, finalizei o trabalho com a história, levando uma caixa surpresa cheia de fantasias para as crianças escolherem. Sentados no chão, assistimos ao vídeo clipe de Duda Pimenta, conversamos sobre o vídeo e sua representatividade e depois dançamos.

Quando o grupo Caixa de Foco findou, nesse intervalo, eu voltei a participar das atividades da igreja católica com mais frequência. Comecei a fazer os encontros de preparação para receber o crisma e nisso fui me envolvendo ainda nas atividades da igreja, participando de grupo jovem e da catequese. Então, eu acabei me fechando para participar de atividades que não tinham relação com a igreja. Durante a tentativa de retomada do teatro na comunidade por Natalyne, eu cheguei a participar de dois encontros, mas não quis continuar, optei pelas atividades da igreja. Não me arrependo dessa escolha. No entanto, certa vez, quando participei de uma evangelização na comunidade do Macaco, chamou-me atenção a fala de uma mulher, de outra comunidade católica, e ministra da eucaristia, com uma responsabilidade grande na sua comunidade. Um colega perguntou sobre sua filha e ela disse que a filha dela não estava ali, pois estava na aula de teatro. Essa fala dela deixou-me surpresa e feliz.

Na minha comunidade, acredito que deixar uma atividade religiosa para estar em aula de teatro não seria uma escolha muito “aceitável”. Fiquei feliz por ela ser aberta e perceber a importância das aulas de teatro para a sua filha. Essa aula que a filha dessa mulher frequentava ocorria na comunidade da Muribeca, em São Francisco do Conde eram ministradas por Natalyne. Nessa mesma comunidade, através dessas oficinas de teatro, Natalyne conheceu o jovem chamado Alex que passou a frequentar suas aulas.

Esse jovem se encantou pelo teatro e com o apoio de Natalyne estudou e conseguiu ingressar no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Alex, até o meu último contato, também era um jovem cristão e apresentou uma peça em um sarau organizado pela juventude católica da paróquia de São Gonçalo. Tive a oportunidade de assisti-la e me surpreendeu pela qualidade, pelo figurino e pela maneira como as atrizes e atores conduziam o teatro na rua. Eu sabia que aquela forma de atuação, aqueles jovens tinham passado por Natalyne. Com essas experiências e reflexões se eu tivesse um filho/filha, mesmo sendo católica, e apresentasse para ele/a minha fé, não o impossibilitaria jamais de deixar de fazer atividades que envolvesse as artes, como o teatro. Hoje eu sei o quanto essa vivência muda o olhar de quem participa e abre novas possibilidades aos/às jovens.

Considerações finais

Além da experiência com o teatro, a minha formação na UNILAB também me possibilitou ser uma pessoa mais reflexiva, crítica e mais atenta às injustiças raciais e sociais. Quando eu pensar em usar o teatro como ferramenta pedagógica será no intuito de também evidenciar essas questões tão importantes na nossa formação. Assim, pretendo trabalhar com escritores/as e dramaturgos/as negros/a, com a literatura infantil africana e afro-brasileira e com enredos voltados para o combate aos preconceitos e ao racismo tão enraizados na nossa sociedade. O teatro está presente em várias instituições, como em escolas, centros religiosos e nas ruas das comunidades, como aqui foi abordado.

Não aprendi sobre a história e a geografia do bairro de São Bento nas escolas do bairro, embora esteja ciente que o currículo do município esteja em processo de mudança. Aprendi que os negros serviram como mão de obra escrava, mas não sabia como eram as relações entre os homens e mulheres escravizados/as e as suas produções culturais. Por isso é preciso escutar as fontes orais da comunidade e ter os registros do ponto de vista dos moradores antigos que tem muito a nos contar. O teatro possibilitou-me ter acesso a esses conhecimentos oriundos da comunidade.

A arte na comunidade de São Bento é bastante rica. Os feitos realizados pelos grupos de teatro São Ben'Arte, São Ben'Artinho e Caixa Foco não ficaram apenas nas lembranças. A pesquisa realizada demonstrou os impactos dessas experiências com o teatro nas trajetórias de parte de seus participantes. Natalyne e Glilson, quando questionados sobre o que pensam em relação à nossa comunidade, com tantos grupos artísticos, e atualmente sem nenhum grupo de teatro consolidado, responderam sobre a dificuldade de efetivar um trabalho sólido dentro da comunidade. Os dois apontaram a falta de políticas públicas voltadas para as diversas experiências artísticas no intuito de preservar e fortalecer a cultura local. Segundo Natalyne e Glilson, as pessoas que tomam à frente desses grupos acabam se cansando, pois é um trabalho difícil. Não é um trabalho remunerado, precisam trabalhar em outros espaços para conseguir sobreviver e não há apoio da gestão municipal. Natalyne relata algo que achei muito interessante. Ao ser questionada pelo seu orientador de TCC: "São Bento é celeiro cultural para quem?", ela refletiu e reformulou: "Para mim, São Bento é um celeiro cultural".

Por isso, nós, pertencentes a essa comunidade, devemos continuar a preservar São Bento como um lugar cheio de histórias, manifestações que perpetua a nossa própria identidade, com os

nossos olhos e não com o olhar que constrange, humilha e discrimina. Utilizei para esse trabalho o livro *São Bento conversando com sua história* (2018), criado aqui no bairro, pois foi um projeto muito importante, ao qual desejamos que toda a comunidade tenha acesso. O projeto teve como objetivo valorizar a história e os mestres/as da cultura de São Bento, mas também as pessoas importantes para a comunidade, como as rezadeiras, os pescadores e as marisqueiras. As riquezas naturais também ganharam destaque no projeto. Em entrevista com Natalyne (2021), ela relatou o quanto foi importante essa troca com os mestres da comunidade, e em especial com seu pai, participante do projeto, pois as crianças passaram a tratá-lo de outra forma, com respeito e admiração.

Concordando com os/as autores/as deste livro e com Natalyne, São Bento de fato é um celeiro cultural e, sob o meu ponto de vista, essa produção criativa deve ser aproveitada no âmbito da educação formal e não formal. Nesse sentido, penso que seria importante que este livro fosse usado nas atividades pedagógicas nas escolas do bairro, com os estudantes da EJA, pois muitos se sentirão representados, mas também com as crianças e com toda a comunidade na busca de valorizar e despertar o sentimento de pertencimento à história local. Toda discriminação sofrida pelo bairro e seus/suas moradores/as foi ressignificada brilhantemente pelos/as autores/as deste trabalho. Os moradores da comunidade, por meio desta obra, poderão ter conhecimento da rica história do bairro e em muitos certamente despertará na memória os momentos vividos nas diferentes celebrações de São Bento. No olhar das crianças e adolescentes, possibilitará despertar o desejo de fazer parte de um projeto que um dia elas também possam reescrever essas e tantas outras histórias.

Pesquisar a trajetória de Natalyne foi tecer conhecimentos que eu tinha sobre o meu bairro a partir de um outro olhar. Através da sua experiência, conheci uma parte da história local, que até então não sabia. Um circo! Como assim?! Saber sobre o circo criado pela família de Natalyne, como ocorreu essa atividade no bairro, sua estrutura e números, consegui me divertir com a narrativa e também aprendi sobre mais um aspecto ligado à criatividade e à produção artística da minha comunidade. Saber sobre pessoas da comunidade que participaram do circo, pessoas as quais eu conheço, e não imaginava que já tiveram envolvimento em atividades artísticas foi muito interessante.

Essa pesquisa despertou esse meu novo olhar. Olhar o vizinho e não apenas saudá-lo, parar e escutá-lo; saber que a experiência com o teatro iniciado quando criança, não ficou lá atrás. Ela me acompanhou e agora na fase adulta me tornei mais sensível às potencialidades dessa

experiência na formação de crianças e jovens da comunidade e sua atuação no campo da política, ou seja, das transformações possíveis a partir do engajamento do grupo em diálogo com as necessidades da comunidade. Os caminhos trilhados por Natalyne e outros jovens antes de mim contribuíram para que fosse possível caminhar, preparando essa estrada para outros/as. As reflexões que o presente estudo me trouxeram deverão ser acompanhadas de ações em minha trajetória como pedagoga.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Geraldo de Oliveira. **Entrevista realizada no dia 08 de Agosto**, em São Francisco do Conde, 2021.
- ARAUJO, Nilton de Almeida. *A escola agrícola de São Bento das Lages e a institucionalização da agronomia no Brasil (1877-1930)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em ensino, Filosofia e História das ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte, Educação e Cultura*. Ministério das Relações Exteriores, s/d. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_a_utor=32531. Acesso em: 05/06/21.
- BARROSO, Oswald ; Vários . **Ceará: Uma Cultura Mestiça**. In: COBELLO, Denise de Sena Abintes et al. (Org.). SESC Terreiro da Tradição. 1ed.Fortaleza: SESC, 2010, p. 13-22.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: http://base2001nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal. Acesso em: 29/07/2021.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Diretoria de currículos e educação integral coordenação geral de ensino fundamental programa novo mais educação documento orientador** – adesão - versão I outubro, 2016.
- CÓRCINO, Patrícia. *Ensino fundamental de nove anos orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ as crianças de seis anos e as áreas do conhecimento*, Brasília, 2º edição, 2007.
- DE LUCCA, Daniel; PALERMO, Rafael B. **“Os Malês nas margens do Atlântico negro: desafios da interiorização e da internacionalização da UNILAB no recôncavo baiano”**. *Anuário Antropológico*, 46(1), 119–144, 2021 .
- DO CARMO, Glilson de Jesus. **Entrevista realizada no dia 21 de julho**, em São Francisco do Conde, 2021.
- FERREIRA, Carolina Angélica Netto; OLIVEIRA, Talita. *Por uma educação antirracista: teatro do oprimido, letramento étnico-racial e a transformação social de meninas negras*. Cascavel, v.13. p.79, setembro, 2019.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. *Revista de administração de empresas*, São Paulo, v.35, n.3, p.21, Mai/Jun,1995.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 28-, jan./mar. 2006.
- IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/sao-francisco-do-conde.html>. Acesso em: 14/08/2021.

IPAC-BA. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural**. Vol. 2. Monumentos e Sítios do Recôncavo, I Parte. Governo do Estado da Bahia, Secretaria da Indústria e Comércio. Salvador, 1982.

LEITE, Viviane Calvocante de Oliveira; NOLASCO, Edgar César. **Conceição Evaristo: escrevivência do corpo**, 2019.

MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.

<http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/grupo-cultural-reisado-gloria-e-louvores-fara-a-festa-de-reis-dia-04-de-janeiro/>. Acesso em: 29/07/2021.

NASCIMENTO, Abadias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africana**. Ed. Vozes Petrópolis, 1980.

PINTO, Monilson dos Santos. **“Nego fugido”: o teatro das aparições**. São Paulo, 2014.

PINTO, Naiane Jesus (Org.). **Vários autores. Trilhando na Cultura: São Bento conversando com sua história**. São Francisco do conde-BA, 2018. (Projeto)

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Conferência foi transcrita traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

SANTANA, Antônio Marcos dos Santos. **As ruínas da escola agrícola de são bento das lajes: uma abordagem artística estética, na preservação do patrimônio local**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes Humanidades e Letras, UFRB, Cachoeira, 2017.

SANTANA, Jaciara de. **São Francisco do Conde o enigma da riqueza e pobreza no recôncavo baiano**. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, UCSAL, 2011.

SANTOS, Natalyne Pereira dos. **Entrevista realizada no dia 24 de Junho**, em São Francisco do Conde, 2021.

SANTOS, Natalyne Pereira dos. **Vozes no palco dramaturgia com histórias da comunidade de são Bento**. Salvador, UFBA/ ESCOLA DE TEATRO, 2015.

SANZIO, Rafael Araújo dos Anjos. **Cartografia e quilombos: territórios étnicos africanos no Brasil**. AFRICANA STUDIA, Nº 9, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2006.

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da et al. **Imagens de exclusão de negros /as em produção de conhecimento nas universidades públicas**. Ponto de Acesso, n. 3, v. 7, p. 89, 2013.